

UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO CRÍTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

BUCKER, Edilson Ferreira (CENEBRA – edimais_mano@hotmail.com)
CARVALHO, Saulo Rodrigues de (UNICENTRO – saulorc1982@gmail.com)

Categoria da apresentação: Oral.

Resumo: Neste resumo, questionamos as principais tendências pedagógicas. Defendemos a tendência que entendemos ser a que supera no sentido dialético, as demais, a Pedagogia Histórico Crítica dos Conteúdos, compartilhando uma aula ministrada com base na mesma.

Palavras chaves: Pedagogia Tradicional, Pedagogia Nova, Pedagogia Tecnicista, Pedagogia Histórico-Crítica; Ensino de História.

Introdução

O estudo foi desenvolvido durante a Pós-Graduação à distância Docência em História e Práticas Pedagógicas, na faculdade Cenebra. O interesse pelo assunto surgiu na intenção de dar sequência ao trabalho desenvolvido na graduação em Pedagogia, “alienação na educação: uma análise do ato de educar” e para compartilhar as aulas de história ministradas durante a mesma, pautada na Pedagogia Histórico-Crítica.

Para melhor compreensão, entendemos ser necessário, descrever as principais tendências pedagógicas presentes no Brasil, questionando as intenções que prevaleceram em cada tendência. Em seguida, apresentamos a Pedagogia Histórico-Crítica, desenvolvida por Saviani. Após tais análises, compartilhamos a aula ministrada para futuros professores dos anos iniciais do ensino fundamental, pautada nesses pressupostos.

Revisão de literatura

1. Críticas as Tendências Tradicional, Nova e Tecnicista

Na tendência tradicional o problema principal é que não valoriza os conhecimentos e contribuições dos alunos, contando com uma rígida disciplina, não permitindo a participação deles no processo educativo e mantendo-os submissos. Esta escola não conseguiu realizar seu desiderato de universalização (SAVIANI, 2012).

Na escola nova, o professor é um estimulador e orientador da aprendizagem, a iniciativa deveria partir dos alunos, sendo este o centro do processo educativo. Já critiquei essa postura em outra oportunidade, entendo que “(...) essa tendência já inicia equivocadamente, ao negar a transmissão do conhecimento.” (BUCKER, 2017, p. 15). Pretendia-se que as escolas fossem bem equipadas, transformando o corpo docente em um conjunto de técnicos, que realizam intervenções educativas meramente tecnocráticas (TORRES



SANTOMÉ, 2003).

Na tendência tecnicista, há inferiorização das funções do professor, que se tornou apenas executor de ordens vindas do setor de planejamento-técnicos em educação (ARANHA, 1996). A relação entre professor e aluno exige distanciamento afetivo e não está voltado para abertura de discussões e debates. Formando “indivíduos eficientes, isto é, aptos para dar sua parcela de contribuição para o aumento da produtividade da sociedade.” (SAVIANI, 2012, p. 13). Portanto, prepara os indivíduos para mercado de trabalho e para estes continuarem submissos, impedindo sua progressão social. A escola é como uma indústria, tornando ‘natural’ à vida humana essa determinada sociabilidade. (CARVALHO, 2014, p. 38)

Percebemos que todos estes métodos têm seu interesse na perpetuação da sociedade capitalista, defendemos na próxima seção a Pedagogia Histórico-Crítica.

2. Pedagogia Histórico-Crítica

Acreditamos que a atual configuração de educação, é justamente uma junção do que cada uma das teorias anteriores tem de pior, no entanto não se pode descartar as contribuições destas, inclusive para formulação da Pedagogia Histórico-Crítica, Saviani (2012) usou o termo “curvatura da vara” para dar início a sua teoria no livro Escola e Democracia, onde entende que cada tendência (a Tradicional e a Nova) estava em um extremo e que seria necessário encontrar um meio termo entre estas, apropriando-se das contribuições destas e preparando para ir além.

A sociedade interfere na educação para atingir a determinados interesses, porém “a educação também interfere sobre a sociedade, podendo contribuir para sua própria transformação.” (SAVIANI, 2013, p. 80). Com esta perspectiva nasce a Pedagogia Histórico-Crítica, “(...) uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação.” (SAVIANI, 2013, p. 80). Logo esta tendência é baseada no Materialismo Histórico Dialético de Marx. A teoria de Marx analisa, no movimento dialético, a totalidade e as suas contradições (KONDER, 2008).

No ensino de História significa dizer não seguir mais a perspectiva Tradicional, onde destacava-se heróis, os fatos contados somente a partir de um ponto de vista. Porém, também não deixando o aluno buscar sozinho, como na tendência renovada, menos ainda valorizar só a prática como na tecnicista. Superando por incorporação tais métodos, favorecendo o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar a cultura acumulada historicamente. (SAVIANI, 2012)

Além disso, olhar a dialética por trás de cada fato, dando luz as diversas versões, o papel do professor seria trazer as diferentes versões de um mesmo fato, permitindo ao aluno o questionamento. Todo acontecimento histórico é fruto de diversas determinantes, a análise crítica destas é a defesa da Pedagogia Histórico-Crítica.

Os passos deste método são: **a prática social** comum a professores e alunos, no entanto, estes em níveis diferentes de compreensão da prática social; **a problematização**, detectando questões que precisam ser resolvidas; **instrumentalização**, apropriando-se de instrumentos teóricos e práticos; a



catarse, efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformado em elementos ativos de transformação social; e novamente, **a prática social**, passando da síncrese a síntese (SAVIANI, 2012).

Após apresentar o método, na próxima seção apresentamos o relato de uma aula de História, produzida nos pressupostos da pedagogia Histórico-Crítica, desenvolvida por nós.

3. Uma aula de História na Perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica

Nossa atuação foi durante o curso de Pedagogia da UNICENTRO, em um colégio em Laranjeiras do sul. Na primeira aula, discorreremos sobre o assunto em geral, citando recursos disponíveis, onde se tem tanto os suportes informativos que são preparados para o trabalho na escola, como os documentos que “são produzidos em uma perspectiva diferente dos saberes das disciplinas escolares e posteriormente, passam a ser utilizados com finalidade didática.” (BITTENCOURT, 2004, p. 296) Então, justificamos o uso de recursos como textos literários, no nosso caso o poema “Perguntas de um Operário que lê”, este estava exposto em um cartaz ilustrado, também contribuímos nesse sentido, das maneiras como o Poema pode ser explorado.

O poema em questão, tratava dos que levam a fama em cima dos “heróis anônimos”, destacando que esse poema não era a história contada pelos heróis, mas de um autor crítico que tinha este olhar diferenciado. “(...) o ensino de História pode utilizar a Literatura para discutir com os alunos como os autores literários constroem as representações de um passado (i) memorial ou mesmo de um futuro ficcional para dialogar com seu presente.” (ABUD, 2010, p. 46).

Explicamos que atualmente no Estado do Paraná, está em vigência a Pedagogia Histórico Crítica, explicando suas origens, particularidades e maneiras de abordagem no ensino de História, como abordado na seção anterior. Após debate com os alunos, expomos os objetos antigos. Destacando que objetos/cultura material revelam a cultura e a tecnologia de uma época. “A construção do conhecimento histórico ocorre quando os alunos percebem a relação dos artefatos com sua própria história, com a história de sua família, de sua localidade e até de seu país.” (ABUD, 2010, p. 122). Nesse sentido, destacamos que esse é o papel do professor de História, provocar essas reflexões com seus alunos.

Na semana seguinte, iniciamos a aula, recapitulando conceitos debatidos na aula anterior. Após, solicitamos as fotos. A partir das fotos delas e das nossas, provocamos questionamentos, “A fotografia é uma rica fonte de informações para a reconstituição do passado, ainda que sua utilização também possa comportar a constituição de ficções.” (ABUD, 2010, p.147), alertamos para o fato da foto, ter o olhar (interpretação) do fotógrafo.

Nós tínhamos uma fotografia que era em formato de quadro e outro estilo pintura, onde destacamos que era o recurso da época, inclusive na pintura, tinha a criança, representada no estilo adulto miniatura, portanto revelando a cultura de uma época, portanto a fotografia é “(...) um poderoso instrumento de desenvolvimento do conhecimento histórico de seus alunos.” (ABUD, 2010, p. 147). Assim, íamos destacando o papel do professor nessas reflexões. Ainda apresentamos fotos antigas da cidade de Laranjeiras do Sul.

No mesmo dia, fizemos uma linha do tempo no quadro, destacando a



forma de governo de cada época no Brasil, onde em sua grande maioria tinham governos ditatoriais, e que selecionemos músicas - com o auxílio do livro: “Quem foi que inventou o Brasil”, de Franklin Martins. – Sobre a época da ditadura militar. Além destas, trabalhamos uma atualíssima: “O morro mandou avisar”, de Tico Santa Cruz que debate o impeachment da então presidenta Dilma. “O exercício de análise da letra de uma canção (...) é de extrema relevância para a construção do conhecimento histórico.” (ABUD, 2010, p. 65)

Nos identificamos muito com a atuação neste estágio, pois o tema, a disciplina e a turma onde lecionamos fez com que este tivesse um ótimo rendimento, sentindo-se realizados em conseguir realizar aulas pautadas na Pedagogia Histórico Crítica, motivando-nos para buscar uma formação maior nesta área de ensino.

Conclusões

Por se tratar de resumo, apresentamos as críticas as tendências de maneira bem sucinta. Ao apresentar a Pedagogia Histórico-Crítica, desenvolvida por Saviani, descrevemos as suas bases epistemológicas e seu método de ensino, para defesa de um método que supera por incorporação as tendências anteriores e que se volta para uma educação popular e crítica.

A aula ministrada foi a defesa de um ensino de História que não foque somente em heróis, mas que apresente as várias versões de um fato, a defesa de um ensino rico em recursos, para que chame a atenção dos alunos e promova a união entre teoria e prática, não sendo uma aula conteudista, mas também não só a prática pela prática, contudo uma aula dialética.

Referências

- ABUD, Kátia Maria – *Ensino de História* / Kátia Maria Abud, André Chaves de Melo Silva, Ronaldo Cardos Alves. São Paulo: Cengage Learning; 2010. Coleção ideias em ação/Coordenadora Ana Maria Pessoa de Carvalho.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. A tendência tecnicista. In: _____. *Filosofia da Educação*. 2 ed. rev. e amp. São Paulo: Moderna, 1996.
- BUCKER, Edilson Ferreira. A alienação na educação: uma análise do ato de educar. *XIV Jornada do Histedbr, 14ª edição*, 2016. Disponível em: <http://www.unioeste.br/eventos/histedbr/>
- BITTENCOURT, Circe e FERNANDES, Maria. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- CARVALHO, Saulo Rodrigues de. *Políticas Neoliberais e Educação Pós-Moderna no Ensino Paulista*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.
- KONDER, Leandro. *O que é Dialética*. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos: 23).
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- TORRES SANTOMÉ, Jurjo. *A educação em tempos de neoliberalismo*. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

